

ISSN: 0084-9189

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXIV



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1985

Il Museo Epigrafico. Actas do Colóquio Internacional AIEGL «Borghesi 83» (Emilia-Romagna, Outono de 1983). Colecção «Epigrafia e Antichità», n.º 7. Edição de Fratelli Lega Editori, Faenza, 1984. 640 pág., ilustrado.

Pouco interesse específico tem despertado à ciência museológica a apresentação e valorização museográfica dos monumentos epigráficos. O seu (habitual) elevado peso e consequente dificuldade de transporte; as suas (frequentemente) avultadas dimensões; a ausência (quase sempre total) de interessantes qualidades estéticas; e o material tido como incorruptível em que (geralmente) são feitos — determinaram, em regra, o seu afastamento para claustros e até para jardins ao ar livre, em «galerias epigráficas» que raro têm em conta os crescentes índices corrosivos atmosféricos ou, sequer, as necessidades dos investigadores. Poucas vezes o museólogo se terá interrogado sobre a função que ao monumento epigráfico coube no seu tempo: se se destinava apenas a ser lido ou a ser também visto na sua totalidade; se estaria correcto embuti-lo na parede, fixá-lo em alto pedestal ou deixá-lo simplesmente ao nível do pavimento, iluminado por um foco ou banhado tão-só pela luz natural. Por outro lado, que critérios de selecção poderia utilizar para saber quais as peças a expor e quais a guardar nas reservas. E ainda: que dados incluir na placa identificativa, no guia, no catálogo geral, no ficheiro?

Mais não fosse que por ter procurado responder às questões enunciadas, foi importante e pioneiro o Colóquio «Borghesi 83», de que este volume dá conta, a primeira reunião internacional que jamais se realizou sobre o tema.

Promovido pela Universidade de Bolonha e pela Regione Emilia-Romagna, numa organização conjunta do «Istituto regionale per i Beni Artistici, Culturali e Naturali» e do «Centro di ricerche per le officine lapidarie 'Bartolomeo Borghesi'» (proficientemente dirigido pelo Prof. Giancarlo Susini), sob os auspícios da «Association Internationale d'Épigraphie Grecque et Latine», o colóquio decorreu em Castromaro Terme e em Ferrara, de 30 de Setembro a 2 de Outubro de 1983.

E se nunca é demais realçar a importância duma reunião científica com este objectivo, a permitir abundante troca de impressões e o contacto com novas experiências num domínio que ora dá os primeiros passos — maior ainda é o aplauso e a congratulação por Angela Donati ter logrado dar à estampa, em tão curto espaço de tempo, o repositório completo do que no colóquio se passou, colocando-o, assim, ao dispor de quantos — epigrafistas, museólogos, arquitectos — não puderam estar presentes e que neste denso volume vão encontrar, decerto, a resposta a muitas das interrogações que o dia-a-dia lhes suscita.

Quarenta e quatro comunicações, divididas em dois grandes temas. No primeiro, de índole geral, abordou-se a problemática referente à história, método e organização do museu epigráfico: as colecções setecentistas, o lugar da epigrafia no espaço museológico, a apresentação das peças, a possível

utilização do registo *video* e das técnicas audiovisuais, o projecto de uma ficha informatizada.

O segundo tema englobou os casos concretos: origem, situação e projecto de museus europeus — franceses, alemães, húngaros, jugoslavos e, sobretudo, italianos. Testemunhos eloquentes das mais variadas experiências — de exposição (temática? cronológica?...), de restauro e de conservação (uso do gesso, problemas de líquenes...) — em locais diversos e com material epigráfico diferente, acompanhados de esclarecedoras ilustrações, onde facilmente se poderão colher sugestões importantes.

Quase todos os museus portugueses — nacionais e regionais — contam no seu recheio monumentos epigráficos. Os catálogos até agora publicados são díspares na qualidade e no conteúdo; os ficheiros, praticamente inexistentes ou desprovidos de uma informação capaz. Que os nossos museólogos, à luz dos ensinamentos deste oportuno colóquio, contribuam — com os epigrafistas — para a valorização do património que lhes é confiado. Existem peças cuja beleza ou cujo valor histórico é susceptível de transmitir ao grande público uma mensagem persistente — há que expô-las. Outras, porém, só aos especialistas interessam: integrarão as reservas, aí se possibilitando, muito embora, um contacto directo, fácil e agradável com o monumento em todos os seus pormenores. Os pequenos fragmentos, por seu turno, ficarão arrumados em prateleiras.

Pela sua especificidade, pelo hermetismo da sua mensagem e do seu significado, o monumento epigráfico arrisca-se, de facto, a ser, mais do que os outros, no museu, uma peça morta. Competirá ao museólogo e ao epigrafista — enriquecidos ambos desde já com as brilhantes lições que este precioso volume encerra — fazê-lo aiosamente ressuscitar na sua luzidia roupagem de importante objecto cultural.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO